

I CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



"HOMEM NÃO REBOLA"; "ESSA MENINA CONTAMINA AS COLEGAS": RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

LIMA; Rosemeiry Assunção Alves Zozias¹

RESUMO

Resumo

Este texto, no formato de resumo expandido, apresenta uma experiência vivida no chão da escola, mais pontualmente envolvendo dois docentes do sexo masculino. Este trabalho tem como o objetivo promover a reflexão sobre gênero e educação, discutindo e problematizando as relações de gênero. Além disso, busca analisar as aprendizagens na cotidianidade escolar relacionadas à produção das diferenças e desigualdades, com base nas representações naturalizadas de masculinidades e feminilidades. A experiência a ser narrada faz parte da minha aproximação acadêmica aos Estudos de Gênero. Trata-se de um estudo bibliográfico, com aporte teórico de autor/as como: Guacira Louro, Marcos Nascimento, Daniela Auad. Por fim, conclui-se que discussões sobre esta temática são essenciais cuja reflexão contribui para a elaboração de alternativas pedagógicas plurais e inclusivas que possibilitem novos olhares para as concepções de gênero na escola.

Palavras-chave: Relações de gênero; Equidade; Educação.

Como profissional dedicada à educação e envolvida diretamente na gestão pedagógica, tive e continuo tendo a oportunidade de vivenciar uma variedade de atividades e experiências significativas. Ao longo do tempo, enfrentei desafios envolvendo pais, estudantes, equipe de gestão, professores e professoras, entre outras interações essenciais no ambiente escolar. Essas experiências não apenas enriqueceram meu entendimento sobre as dinâmicas educacionais, como também me proporcionaram aprendizados potentes sobre como promover um ambiente escolar mais democrático, equânime e inclusivo.

Parto do pressuposto de que a escola se configura como um espaço plural de interação entre diversos grupos – diferenciados por idade, etnia, raça, orientação sexual, classe social, gênero, entre outros aspectos – nas quais os variados arranjos de gênero se manifestam e são vivenciados na prática cotidiana. Logo, a escola é formada por gente de “carne e osso” que se relaciona e, sobretudo, sujeito constituído por múltiplas e diferentes identidades. Louro (2014, p.28) afirma que “identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que pode até mesmo, ser contraditórias”.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo promover a reflexão sobre gênero, educação, discutindo e problematizando as relações de gênero. Além disso, busca analisar as aprendizagens na cotidianidade escolar relacionadas à produção das diferenças e desigualdades, com base nas representações naturalizadas de masculinidades e feminilidades. A experiência a ser narrada faz parte da minha aproximação acadêmica aos Estudos de Gênero.

A proposta inicial deste relato de experiência está contida no título, partindo de dois momentos ilustrativos do

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal, roszyozias@gmail.com

cotidiano escolar de uma escola pública de Educação Básica de Corumbá-MS que suscitam muitas reflexões. Ambas as falas, revestidas de censura, como uma “verdade” inquestionável, foram reveladas a mim, coordenadora pedagógica, por dois professores: “Você precisa chamar os pais dele, pois homem não rebola” e “essa menina vai ‘contaminar’ as demais colegas de classe”. No primeiro caso, referindo-se a um aluno supostamente homossexual que andava requebrando os quadris; e, no segundo, apontando uma aluna lésbica que, para o docente, influenciaria as demais colegas tendo em vista sua sexualidade.

A partir dessas experiências, dentre outros exemplos no dia a dia da escola, pude perceber certa desatenção para os debates e discussões relacionados à dinâmica de gênero. Mostrou-me que o fazer pedagógico usualmente revela de forma sutil ou não, como o docente compreende e vivencia as relações de gênero. Senti-me provocada a partir desse contexto a pensar como a igualdade de gênero e a variedade da existência humana vem sendo trabalhada na escola, e como Louro afirma (2014) “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso” (LOURO, 2014, p.61).

Vale destacar também que a singularidade da situação suscitou algumas inquietações e, principalmente, incentivou-me buscar por novos conhecimentos, contribuindo para a aproximação aos estudos de gênero no campo da educação.

A vivência ocorreu em 2016, ao retornar à coordenação pedagógica, após 12 anos integrada a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação/SEMED. Vale ressaltar que esses fatos emergiram em razão das reflexões potencializadas no âmbito das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal: Tópicos Especiais: Gênero, sexualidade e educação, ministrada em 2019 pela prof.^a Dra. Josiane Peres Gonçalves e Direitos Humanos, ministrada em 2021 pela prof.^a Dr^a Claudia Araújo Lima.

Sendo assim, este texto é fruto de pesquisa bibliográfica, ritmos intensos de leituras e discussões, que apontaram pressupostos teóricos para pensar na educação numa perspectiva igualitária e plural. A escrita foi impulsionada também pelo artigo que publicamos em 2022, na Revista Retrato da Escola: “Homem não Rebola”; “Essa menina contamina as colegas”: reflexões sobre direitos humanos, gênero e escola.

Em muitos lugares, não somente na escola, somos educados/as a distinguir entre “coisas de meninas” e “coisas de meninos”, ensinados/as também ainda em qual dos dois lados devemos nos posicionar. Portanto, desde que nascemos, somos expostos a diversas pedagogias de gênero que nos indicam como viver de maneira ideal o masculino ou o feminino.

A sociedade espera que as meninas e mulheres sejam quietinhas, emotivas, delicadas, vaidosas, melhores em tarefas domésticas e cuidado, amadureçam mais cedo, etc.; por outro lado, que os meninos e homens sejam fortes, assertivos, corajosos, provedores, líderes, que se relacionem com muitas mulheres, dentre outros estereótipos de gênero. Esses e outros tipos de afirmações podem ser reforçados dentro da escola se não forem submetidos a um processo de reflexão. Para Nascimento (2017, p. 93) “essas concepções não dão conta da diversidade de experiências de homens e mulheres no mundo contemporâneo e necessitam ser relativizadas”.

Deste modo, somos resultado das práticas sociais e culturais vivenciadas na família, na igreja, na escola, na política, nas mídias, entre outras. Essas práticas têm produzido e mantido as identidades de gênero de maneira desigual, baseadas nas distinções biológicas entre homens e mulheres. De acordo com Auad (2021, p. 19) as “visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam travas para a superação dessa situação”.

Isto posto, não é incomum observarmos no cotidiano escolar gestos, posturas e expressões utilizadas por professores e professoras que tendem a (re) produzir as desigualdades e hierarquias de gênero que a sociedade impõe aos seus membros, e que, conforme, Louro (2014, p.28) “definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”.

Segundo Louro (2014), são as práticas cotidianas e habituais, os gestos e as palavras banalizadas que necessitam ser objeto de atenção renovada, de questionamento e, especialmente, de desconfiança, ou seja, a tarefa mais premente de seus/suas educadores/as é questionar o que é considerado “natural”.

As narrativas mencionadas anteriormente “Homem não rebola”; “Essa menina contamina as colegas” são exemplos nos quais os docentes requeriam a intervenção da coordenadora pedagógica para buscar garantir corpos disciplinados e a manutenção da ordem nas relações entre as meninas e meninos, limitando suas

possibilidades de viver da forma que preferirem.

Ademais, de acordo com Louro (2014) a negação de um aluno homossexual ou de uma aluna lésbica no ambiente escolar acaba por confiná-los às gozações e insultos durante as aulas, nos recreios, jogos, eventos escolares fazendo com que jovens gays e lésbicas se reconheçam apenas como desviantes, indesejados ou ridículos. Para Louro (2021) os/as estudantes transgressores que “fogem” às normas, sexuais ou de gênero, são alvos de vigilância e acabam “marcados como figuras que se desviam do esperado por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar” (LOURO, 2021. p.32).

Diante disso, é tarefa essencial da escola questionar essas representações e, principalmente, acolher a diversidade de gêneros, corpos e sexualidades, considerando que estamos em um espaço de convivência plural. E por isso, como afirma Louro (2014) “temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui” (LOURO, 2014, p. 68).

Portanto, quando um/a profissional da educação faz afirmações como “você precisa chamar os pais dele, pois homem não rebola” e “essa menina vai ‘contaminar’ as demais colegas de classe”, evidencia-se que ainda há um longo caminho a percorrer.

Diante disso, é fundamental que as instituições de ensino incorporem em suas práticas pedagógicas, conteúdos escolares e formação continuada as diretrizes estabelecidas nos documentos legais, para que haja avanços na direção de uma política educacional que supere as desigualdades e contribua para a promoção da igualdade entre homens e mulheres.

Concordo com Auad (2021) ao afirmar que a escola interfere na hipótese do/a estudante para promover o conhecimento dos diferentes componentes curriculares, “da mesma maneira, há de se intervir nos conhecimentos relativos às relações de gênero, às relações étnico-raciais, geracionais e de classes, para que as discriminações e desigualdades acabem” (AUAD, 2021, p.86-87).

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias das Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p.7-42.

NASCIMENTO, Marcos. Masculinidades e relações de gênero em contextos escolares. In: MACEDO ELIZABETH; RANNIERY THIAGO (Orgs.). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis: DP et Alii. 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero, Equidade, Educação